

Realização



Apoio



Patrocínio



Oferecendo o que há de melhor para você!
Rua Vigilio Busnello, 55
centro • Itapeverica da Serra • SP
11 - 4666-4888 www.opticamelhor.com.br

No Trecho

Especial Sapato Sujo na Soleira da Porta

GRUPO DO TRECHO

NOVOS RUMOS

Finalizamos a revista comunicando que o grupo acaba de ser vencedor do PAC (Programa de Ação Cultural) da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo para a construção de um espetáculo inédito... o projeto *Contos de Lua no Chão* que irá se desenvolver no Largo de Santa Cecília... continuando os rumos, se quiserem, acompanhem-nos nessas novas trajetórias...

Até logo e obrigada!



PROJETO ENCONTROS

- De quem é a padaria?
- Hum... a padaria é do dono da padaria...
- E de quem é essa praça?
- Essa praça? Do prefeito!

Pequeno diálogo ocorrido em um dos Encontros entre os coordenadores do projeto e um menino de 10 anos, participante.



De junho a novembro de 2008, um grupo de pessoas se encontrou todos os domingos na Praça Elis Regina, no Butantã, por volta das 13h30. Após ficarem por lá até mais ou menos 17h30 ou 18h, voltavam cansados para suas casas.

O que fazem? Passam a tarde juntos se conhecendo, trocando idéias, saberes e experiências, ao ar livre e às vezes de pés descalços. Jogam, brincam, pintam, inventam, tocam, cantam, tiram fotos, filmam, inventam histórias... enfim, aprendem umas coisas e ensinam outras.

Quem são eles? São crianças pequenas e maiores, senhoras, homens adultos e estudantes universitários. São moradores do bairro.

Para que? Para ocupar um espaço público, para conhecer os vizinhos, para criar relações, para aprender livremente, para ir quando se tem vontade, para poder fazer escolhas, para construir autonomia...

O Projeto Encontros surgiu da união de duas pesquisas para trabalhos de conclusão do curso da Licenciatura em Artes Cênicas da USP. Terena queria se lançar em uma aventura para experimentar práticas de educação fora das instituições educadoras, pelo fato de acreditar que a estrutura escolar é reprodutora (e não transformadora) da sociedade e que não garante aprendizado ao se basear na obrigatoriedade de currículo e de frequência. Apoiava-se em diálogos teóricos com Ivan Illich e Sílvio Gallo. Marta, inspirando-se nos escritos de Marc Augé e André Carreira, questionava o espaço público da grande cidade, que, para privilegiar a fluidez dos lucros, tornou-se lugar de passagem, não proporcionando encontros e nem relações duradouras entre as pessoas. As duas se encontraram com Moisés, também estudante de Artes Cênicas e, depois de noites de discussões, colocaram as seis mãos na massa e iniciaram os Encontros na Praça Elis Regina, que fica na Avenida Corifeu de Azevedo Marques, no Butantã, bairro onde moram os três iniciais pensadores do projeto.

Os Encontros têm dois grandes objetivos: 1. de que os habitantes do bairro se apropriem do seu espaço público e; 2. de criar um espaço onde possa acontecer aprendizado a partir das trocas entre as pessoas e das experiências vividas por cada participante, de acordo com seu interesse.

Para isso fomos construindo a seguinte rotina: chegamos à praça entre 13h30 e 14h e começamos o ritual de preparação do espaço para as atividades daquele dia (limpar a praça, amarrar bexigas, estender tecidos no chão, arrumar varais com livros ou figurinos, etc). As atividades sempre se desenrolam com menos ordem do que o pensado na reunião de planejamento e geralmente sofrem transformações, de acordo com o interesse, proposição e idade dos participantes. Costumamos ficar na praça até 17h30 ou 18h, quando a tarde finda e

todos começam a ficar cansados. Existem participantes que ficam do começo ao fim do encontro e também existem os que saem mais cedo ou chegam mais tarde. Temos um grande caderno, formato A3, onde, no fim de cada encontro, convidamos as pessoas a desenharem ou escreverem sobre o encontro do dia, como uma forma de registro.

Conforme os encontros foram se tornando habituais na praça, foi-se tendo certa constância de participantes. As pessoas que participam dos Encontros têm idades que variam de 3 a 80 anos, distribuídos mais ou menos assim: uma ou duas crianças pequenas, de 3 ou 4 anos; cinco a sete crianças maiores, de 8 a 11 anos; dois ou três adultos; uma senhora de aproximadamente 60 anos; três senhoras mais idosas, de 70 a 80 anos.

Fazemos atividades geralmente de cunho artístico e poético. Pintamos, jogamos, contamos histórias, criamos personagens, tocamos instrumentos, cantamos, lemos poemas... As atividades são propostas por todos os participantes. Conforme todos foram ficando à vontade no espaço, a praça foi sendo transformada: pintamos os bueiros, o chão, o banco, o poste; fizemos uma hora e plantamos flores.

Em dezembro vamos entrar de férias para descansarmos, termos outras experiências e para elaborarmos os Encontros do ano que vem. Em 2009 continuaremos a propor que as pessoas se encontrem na Praça Elis Regina, porém com mais um objetivo agora: que os participantes ganhem, cada vez mais, a autoria e organização dos encontros e que a figura dos três coordenadores fique cada vez mais diluída e dispensável.

Durante esse primeiro ano do projeto fizemos inúmeras descobertas. Descobrimos que não é a obrigatoriedade que garante a aprendizagem e sim o interesse da pessoa. Descobrimos que incentivar a troca de saberes é um bom modo de expandir conhecimentos e de não legitimar um aprendizado apenas com a existência de um diploma. Descobrimos que a ocupação de um espaço o enche de significados. Descobrimos que ficamos felizes e nos sentimos bem ao sairmos de casa e ao nos encontrarmos com nossos vizinhos.

Esse projeto deu origem à duas monografias. Elas e outras coisitas mais se encontram no nosso blog:

encontrosnaelis.blogspot.com

Marta Estela



Índice do Trecho

Editorial.....	4
O GRUPO.....	5
um grupo e a poeira das estradas	5
A PEÇA	6
Sapato Sujo na Soleira da Porta	6
Ficha Técnica	8
NÓS DO GRUPO	9
Flor e Asfalto	9
Os Sapatos e o Nada	10
Sobre as palavras que ainda não foram inventadas	11
Movimento em Desenho	12
A Escolha Pelo Trecho	13
NÓS DO GRUPO E AS PERSONAGENS	14
Esse saber de bicho	14
Mergulho dentro do homem	15
Através das lentes	15
Lindonéias desaparecidas.....	16
ENCONTROS - PESSOAS NESSE CAMINHO	17
DEPOIMENTO DE MARCELO JULIO BUENO (MARCELINHO).....	17
UMA COMPOSIÇÃO DE PAULO HENRIQUE GRAÇA (PAULINHO)	17
FRASES DE UM OBSERVADOR... NATÃ TIAGO DOS SANTOS.....	17
O ESPAÇO	18
A REDE RUA.....	18
OUTRAS EXPERIÊNCIAS	20
Introdução	20
Sobre a experiência criativa de um grupo de teatro dentro de uma casa de acolhida para homens.....	21
Projeto Encontros	22
NOVOS RUMOS.....	23

Editorial

Essa revista parte de um desejo de experiências e pensamentos e resulta num convite para que nos olhem mais de perto. Se tiverem fôlego e ânimo para mais uma (ou várias) jornadas, sigam adiante...

Talvez todos os artigos falem no fundo da mesma coisa, releituras a partir de uma mesma ânsia, ou de uma ânsia muito comum. Correndo o risco de parecermos redundantes, achamos ainda assim que seria interessante que se pudesse olhar para esse tanto de coisas compondo uma mesma mesa: Pequeníssimos incêndios por dentro das pessoas; pequeníssimos incêndios em atos.

Essa revista, esse diário “numero um”, já prevê ou sonha um seguir de rumos, um continuar da estrada. Para continuar, precisamos sair do lugar e nós, por demais imersos em nossos próprios processos, precisamos também desse olho de fora a se por um pouco a pensar conosco, a nos questionar, nos alimentar, ao ponto de poder modificar a nossa face.

Afinal, não estamos buscando uma resposta com nosso trabalho. Estamos buscando as perguntas. Tomando como duvidoso tudo que se apresenta como pronto, aceito, formatado. Inclusive as possíveis formatações que nós mesmos já tenhamos definido.

Propomos, portanto uma relação quiçá mais duradora do que o instante teatral. Do instante, aproveitemos que nos encontramos. De agora em diante podemos começar a conversar.

GRUPO DO TRECHO

Observações:

1 – As experiências citadas na revista podem ser encontradas com mais detalhes no blog do grupo: grupodotrecho.blogspot.com

2 – Quem quiser participar da mala direta do grupo e/ou encaminhar alguma dúvida ou comentário, mande um e-mail para: grupodotrecho@gmail.com

SOBRE A EXPERIÊNCIA CRIATIVA DE UM GRUPO DE TEATRO DENTRO DE UMA CASA DE ACOLHIDA PARA HOMENS

Por Osvaldo Hortencio
Ator da Cia. Estável de Teatro.

PISAR O CHÃO

Que fazer do teatro que me cabe nas mãos? Buscar outras terras, territórios não ficcionais, para fornecer alimento para a cabeça nossa de trabalhador-artista!

Não, não é de pesquisa teatral, apartada, que falo. Falo da vida. Do teatro que olha e se interessa pela vida e, por isso, se torna pesquisa. Necessariamente nesta ordem. Pisar o chão para depois saber qual instrumento devo usar para tratar deste solo. Quando pisamos o chão Arsenal da Esperança, tínhamos os olhos atentos aos movimentos transeuntes desses desterritorializados. Cerca de 1150 homens lidando com as faltas. Uma ânsia por entender a construção histórica que os levava até aquele lugar, o que os definia, o que nos irmanava. Também uma porção de ingenuidades e tolices nossas, pequeno-burgueses.

Sempre optamos por lidar assim: chegar, saber quem são e, um tanto entendido, escolher as cartas para o jogo. Do último jogo que propusemos, nasceu o Homem Cavalo & Sociedade Anônima, esta nossa cria que relincha duro sobre a exploração no trabalho, sobre consumismo e outras mazelas nossas.

Daí, voltando ao chão pisado, os outros pés que por lá passam se reconheceram e somaram conosco. Dá pra ser diferente? Se o teatro não se propõe inatingível, obra do dom e do talento de privilegiados, pode ser terreno de discussões e criações mais pertinentes.

Este Homem cavalo... foi criado após dois anos de residência artística na casa de acolhida Arsenal da Esperança, dentro do projeto Vagar não é preciso, contemplado pela Lei de Fomento ao teatro para a cidade de São Paulo.

Da metáfora do casco, das faltas que nos fazem vagar, seguimos inquietos percebendo o chão sob nossos pés, mas sem tirar os olhos dos que andam conosco. Nos cascos, solados ou descalços.

Fica então uma canção criada deste solo:

Maria batia a panela vazia

Mexendo a comida que não existia

João reclamava um pedaço de chão

Riscando o asfalto com um giz na mão

E eu com um passo ferrado no casco

Sou cascalho, barulho de uma multidão

CIA. ESTÁVEL DE TEATRO - www.ciaestavel.com.br / www.territorioestavel.blogspot.com

Arsenal da Esperança

R. Dr. Almeida de Lima, 900 - Moóca (prox. estação Bresser do metrô)

Tel.: (11) 8121-0870 / 8708-9563

OUTRAS EXPERIÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho não é um trabalho isolado, não é uma exceção... existiram e existem uma série de outras experiências que dialogam muito com a nossa, não necessariamente enquanto procedimento ou proposta de linguagem, mas na mesma urgência em se atravessar os espaços convencionais na busca de novos encontros e da arte como ferramenta para a criação de possibilidades.

“Uma peça num albergue público” pode ser, por exemplo, simultaneamente uma frase que defina o nosso trabalho, o trabalho de alguns anos atrás da Cia. São Jorge em “As Bastianas” e o recente trabalho da Cia. Estável em “Homem Cavalo & Sociedade Anônima”... Longe de acharmos que isso é um enfraquecimento da força de nossa

proposta, um sinal de uma possível não criatividade, acreditamos que o fato de grupos com histórias muito diferentes buscarem experiências análogas, demonstra uma não solidão, um mesmo sentimento da necessidade de se atravessar as barreiras institucionais.

Esses dois exemplos são diretamente irmãos de *Sapato Sujo na Soleira da Porta*, mas existem ainda trabalhos que se comunicam, não tão diretamente, mas que caminham próximos, primos, tios, avós...

A seguir, dois depoimentos de projetos que aconteceram no ano de 2008, o primeiro de Osvaldo Hortêncio sobre o trabalho da Cia. Estável no albergue, e o segundo de Marta Estela, sobre um projeto para crianças desenvolvido na Praça Elis Regina.



O GRUPO

UM GRUPO E A POEIRA DAS ESTRADAS

A primeira escolha, a mais simples, que desenha a primeira face do Grupo do Trecho, é a saída do edifício teatral... para além do espaço autorizado da arte, quais suas possíveis potencialidades? A segunda escolha, e talvez a mais significativa e importante, é a de criar o trabalho sempre em relação a um espaço e a um público, propondo a transformação do uso cotidiano do local e a possibilidade do público ser co-criador da obra... nesse sentido, dissolvem-se os limites entre ator-espectador, importando menos o lugar do artista e mais a possibilidade que o jogo de ficção oferece para que se possam criar em ação novas possibilidades... e para que se gere um encontro inusitado entre pessoas, permeado de outra sensibilidade, quiçá mais atenta do que a do desenfreado de todo dia.

A proposta é, portanto, de apropriar-se do evento teatral para gerar um novo fluxo no eixo do real... um trabalho que se arrisca na linha de fronteira, no qual a ficção e a realidade criam fissuras uma na outra.

Não há finalizações absolutas nessa pesquisa, estamos sempre em caminho, buscando as novas sutilezas e até as transformações bruscas geradas por cada encontro, afinal, não nos interessa o produto teatral, mas as relações humanas geradas por ele.

Por isso também a escolha pela fundação de um grupo, e não de um espetáculo isolado... Pela necessidade de se manter caminhando e aprofundando olhares, descobertas e possibilidades... de se manter caminhando junto, sempre esbarrando nas dificuldades de diálogo tão comuns aos nossos tempos e buscar vencer a tendência a fragmentação que nos habita, principalmente na cidade de São Paulo. E eis que, quando nos damos conta, num de repente, já temos um ano e meio de existência. E desde o princípio, houve um tanto de chão.

Dos trabalhos até agora realizados, houve uma série de performances, desde marionetes humanas no vale do Anhangabaú, uma estátua viva num restaurante universitário, uma viúva no centro de Campinas, um árabe numa parada de estrada, uma noiva na Praça da Sé, uma Miss no parque da Luz, um mergulhador na Praça da República, uma repórter no largo da batata; até todas as figuras da peça juntas em *desrumos* pela Avenida Paulista, Largo 13 de Maio e Parque Ibirapuera...

Mas o trabalho em face e corpo de camaleão que mais nos define, por hora, é, de fato *Sapato Sujo na Soleira da Porta*, nascido em sua primeira forma como um projeto

de formatura no SAMIM – Serviço de Apoio ao Migrante Itinerante e Mendicante – em Campinas; em sua segunda forma como uma ruptura num festival de teatro e como um espetáculo itinerante no AMBLU – Abrigo Municipal de Blumenau -; e em sua atual forma (ainda *camaleônica*) no Núcleo Santo Dias e na Pousada da Esperança.

Esse é o trabalho que mais nos define, pois foi a espinha dorsal para a criação do grupo... Afinal, se o primeiro motivador a criação deve vir da escolha de um espaço real e o primeiro espaço real escolhido, foi o SAMIM, o grupo em muito se definiu a partir desse primeiro encontro... O nome do grupo, por exemplo, nasceu da relação com homens e mulheres que conhecemos nesse lugar. Homens e mulheres que se autodenominam *trecheiros* por não possuírem moradia nem trabalhos fixos, vivendo em trânsito, na estrada, no caminho, no *trecho*, como dizem. Foi de nossa identidade com essas pessoas, por também buscarmos o fôlego para estar na linha de fronteira, que emprestamos o termo.

O caminho desde esse princípio tem nos demonstrado ao mesmo tempo a necessidade e força desse trabalho, bem como a dificuldade de sustentá-lo... Pois, para a nossa surpresa, percebemos no percurso o quanto os muros das instituições em muito desejam ser atravessados... o quanto pode ser bem vinda a proposta de rupturas e vazantes... Surpreende-nos que as maiores resistências ao trabalho venham justamente de nossos colegas de profissão... Essa experiência alimentou ainda mais em nós a sensação de que o teatro se faz muito necessário nos lugares onde ele não habita cotidianamente, nos quais pode de fato promover o advento se não do novo, de um espaço, sensações e desejos renovados, reconectados... espaços nos quais vale menos a técnica e mais a possibilidade de se criar um olhar mais atento, como já foi dito...

Como muito já ouvimos de Grácia Navarro - orientadora que, vezes perto, vezes longe, nos ajudou a entender e olhar a estrada que já estávamos trilhando, ou desejávamos trilhar... “*vocês escolheram rolar na brita*”.

Aqui, em mais um trecho de estrada, querendo permanecer em movimento, tomamos para nós a frase de um dos textos de Mia Couto que inspirou o trabalho, *sempre gostei da poeira das estradas, pois ela me lembra dos caminhos que ainda não percorri*. Sigamos...

A PEÇA

SAPATO SUJO NA SOLEIRA DA PORTA

À porta da modernidade precisamos nos descalçar. (...) sapatos sujos que necessitamos deixar na soleira da porta dos tempos novos.

(...) mais do que uma geração tecnicamente capaz, nós necessitamos de uma geração capaz de questionar a técnica. (...) Mais do que gente preparada para dar respostas, necessitamos de capacidade para fazer perguntas. (...) Interessamos um passado que não esteja carregado de preconceitos, interessa-nos um futuro que não nos venha desenhado como uma receita financeira.

(...) antes vale andar descalço do que tropeçar com os sapatos dos outros.

Mia Couto

Não apenas os limites entre a ficção e a realidade que buscamos ultrapassar com esse trabalho, mas também os limites entre grupos sociais que cotidianamente não se misturam. Se ao artista há a permissão para habitar mundos distintos, optamos por adentrar um espaço no qual estão as pessoas que, de certa forma, são privadas ou se privam de habitar qualquer outro mundo que não o da rua. Pessoas que não são o público tradicional de teatro e que nos trouxeram maneiras espontâneas, próprias, de lidar com o fazer artístico. Além, muito além disso, nesses espaços construiu-se a possibilidade de criar relações humanas que rompem as barreiras ficcionais que se estabelecem no espaço das ruas e praças da cidade; bem como a possibilidade de vivenciar de fato os conflitos e espelhamentos entre os



homens, permitindo que haja esse encontro e não que se evite ele como se habitua a fazer. Por isso a necessidade de trazer também um público externo e não de fazer um trabalho apenas nosso dentro dos albergues... Portanto, não é somente o elemento ficcional que foge as regras do cotidiano, mas um evento real inusitado de pessoas que não se encontrariam dispostas lado a lado.

O trabalho se construiu a partir de agosto de 2007 com o início das relações do grupo com o SAMIM, um albergue público, antiga estação de trem, rondado por histórias passadas dos tantos que lá já estiveram, histórias que logo se repetem e se espelham nas histórias novas de cada um que chega. Como os albergues em que trabalhamos depois, o SAMIM é um lugar transitório, em si um lugar-limite, uma vez que abriga pessoas que se distanciam de seu passado, a espera de outra coisa.

Diante desse primeiro lugar, em relação com aqueles que o freqüentam, que nasceu o tema disparador do espetáculo, a questão do ESTRANGEIRO – nós como atores estrangeiros a esse local; e as personagens também como estrangeiras portando suas próprias histórias, seu sonho interrompido, seu passado arquetípico, seu duplo embonecado, já cristalizado pelo tempo, como a única coisa que possuem, a única bagagem, da qual são profundamente apegados, necessitando



2. REFEITÓRIO COMUNITÁRIO DO POVO DA RUA (Serviço conveniado com a Prefeitura Municipal de São Paulo) End: Rua Dº Penaforte Mendes, 56 – Bela Vista – São Paulo.

O Refeitório iniciou suas atividades em novembro de 2000, para atender as necessidades básicas de alimentação da população adulta em situação de rua da área central da cidade de São Paulo. Além da distribuição da alimentação – para 500 moradores de rua e de albergues, sob a supervisão de uma nutricionista, há um atendimento de orientação de saúde e higiene básica, bem como são desenvolvidas atividades sócioeducativas como oficinas de artesanato, cursos de alfabetização e profissionalizantes, comunicação (rádio, cinema, teatro, leitura, filmes), palestras, entre outras. Estas atividades são desenvolvidas pelos educadores do serviço, pessoas voluntárias e organizações parceiras.

O **Funcionamento:** atendimento é de 2ª a 6ª das 7h às 22h, e aos sábados e domingos das 9h às 18h.

3. ALBERGUE POUSADA DA ESPERANÇA (Serviço conveniado com a Prefeitura Municipal de São Paulo) Endereço: Rua Ministro Roberto Cardoso Alves, 51 – Santo Amaro

A ASSOCIAÇÃO REDE RUA, em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo e demais Entidades Sociais que atuam no atendimento à população em situação de rua, vem gerenciando desde dezembro de 2001, o Projeto “ALBERGUE POUSADA DA ESPERANÇA” que tem como objetivo principal, prestar assistência social à população em situação de rua e aos grupos excluídos em geral, buscando em conjunto com seus integrantes alternativas para a solução de seus problemas de subsistência, moradia, trabalho, alimentação, saúde e defesa de seus direitos. O albergue atende 120 homens maiores de 18 anos. É oferecido banho, jantar, dormida e café da manhã. Todas as pessoas são atendidas e acompanhadas pelo serviço social e encaminhadas para outros serviços da rede sócio assistencial do município caso necessários. Oferecem-se cursos de alfabetização, profissionalizantes etc.

Funcionamento: todos os dias das 17h30 às 08h30

4. NÚCLEO DE VIVÊNCIA SANTO DIAS DA SILVA (Serviço conveniado com a Prefeitura Municipal de São Paulo) End: Rua Suzana Rodrigues, 135 Santo Amaro.

O Núcleo de Vivência Santo Dias da Silva iniciou suas atividades em 27 de dezembro de 2002, com o objetivo de prestar atendimento de dormida, banho, jantar, café da manhã, espaço para lavagem de roupas para a 80 homens maiores de 18 anos que vivem em situação de rua, encaminhados pelo Albergue Pousada da Esperança ou da rede sócioassistencial, visando a composição de uma rede integrada dos projetos da Associação Rede Rua na busca de saídas para as pessoas em situação de rua juntamente com a Prefeitura Municipal de São Paulo. Oferecem-se atividades sócioeducativas como oficinas de artesanato, cursos de alfabetização e profissionalizantes, comunicação (rádio, cinema, teatro, leitura, filmes), orientação para atendimento em prontos socorros de saúde, palestras, entre outras.

Funcionamento: todos os dias das 17:30 às 08:00h

4-1. HOTEL SOCIAL (Serviço Conveniado Prefeitura Municipal de São Paulo) End. Av. Senador Teotônio Vilela, 208/224 Cidade Dutra

Atendimento de 45 pessoas em situação de rua que esteja num processo de saída da rua. Além da estrutura do hotel, o programa prevê um educador da Associação Rede Rua que acompanha o grupo de moradores. A Prefeitura garante o recurso financeiro e a entidade entra com a administração, trabalho pedagógico e gerencial do serviço.

O ESPAÇO

Você sabia que a cidade de São Paulo tem mais de 13 mil pessoas em situação de rua?

São mais pessoas que a população de muitos municípios por esse país afora.

De onde vêm essas pessoas? Que fenômeno é esse? O que está acontecendo?

Como vivem e o que fazem essas pessoas?

O fenômeno da população de rua é um reflexo da conjuntura político-econômica. Não há emprego para todos e nem moradia. Hoje o mundo do trabalho exige mais qualificação. Como ter qualificação para todos num “país de analfabetos”?

Levamos este questionamento para termos algumas pistas para entender esse fenômeno da população de rua nesta cidade de contrastes.

(...)

O serviço social é ativo diante de toda demanda seja na área de saúde, documentação, trabalho e, sobretudo, na ajuda para estruturar um projeto de vida.

Talvez possa parecer pouco diante de toda a demanda. Mas este pouco faz alguma diferença quando vemos muitos conviventes se despedindo, porque conseguiram um trabalho e agora já podem alugar um espaço, mesmo que seja um quatinho de pensão, e não dependem mais do albergue, pois este já cumpriu sua missão para estas pessoas.

Vale ressaltar a nossa Missão: “Contribuir para uma rede de relações que promova o resgate dos direitos e da vida digna da população em situação de rua”

Nataniel Airton Luft – Coordenador da Pousada da Esperança

A REDE RUA

www.rederua.org.br

A Associação Rede Rua é uma Instituição Jurídica (ONG) sem fins lucrativos que desenvolve projetos com a população em situação de rua na cidade de São Paulo. Na perspectiva do resgate da cidadania e busca da autonomia, presta assistência social a essas pessoas e aos grupos excluídos em geral, buscando alternativas para a solução de seus problemas de subsistência: moradia, trabalho, alimentação, saúde.

As atividades desenvolvidas pela rede são:

1. REDE RUA DE COMUNICAÇÃO – O Trecheiro

End: Rua Sampaio Moreira, 110 Casa 09

A Rede Rua de Comunicação começou suas atividades em 1990 com o objetivo de documentar e possibilitar meios de visibilidade para a população em situação de rua. Neste sentido é lançado o jornal O Trecheiro com publicação mensal, com uma edição de cinco mil exemplares, e a produção de material áudio-visual para uso didático na formação e na organização desta população. O jornal é produzido de forma comunitário-participativa junto com os moradores de rua – desempregados e desabrigados, e em seguida distribuído de graça para eles, bem como usado para um trabalho comunitário de reflexão, meditação e partilha de vida junto com os moradores de rua. Outrossim, é produzido a revista “Ocas” que é vendida, por tempo limitado, pelos desempregados que participam desse projeto, à classe média. O lucro é para o sustento dos vendedores que assim, dentro de um conceito comunitário de solidariedade e reflexão de construção de vida, se preparando para sair da situação de desempregado e para sua inclusão no mercado de trabalho.

Hoje, publica o jornal e continua aprimorando a produção de vídeo e fotografias disponibilizando todo esse material aos educadores, estudantes, organizações.

constantemente lidar com ela, numa relação neurótica e infantil, de jogo, repetição e brincadeira.

As personagens e histórias foram criadas a partir de contos de Mia Couto, de situações reais vividas em performances e de situações reais vividas ao longo do processo.

Nas performances realizadas trabalhamos os limites da realidade e da ficção materializados em algumas figuras: uma noiva, uma miss, um mergulhador, uma viúva, um estrangeiro-árabe. Tratam-se de personagens da vida real, que fora de seus contextos possuem o poder concreto de romper o cotidiano das pessoas, uma vez que elas não conseguem definir se estão diante de uma ficção ou de uma realidade diferenciada. Dessas experiências, vivemos na pele a sensação de ser estranhado, acolhido, ridicularizado, violentado, silenciado, fotografado e filmado por um sem número de celulares.

Por exemplo, a perseguição da noiva pela polícia de fato aconteceu em performance em Campinas bem como a própria personagem da Repórter, surge também da mesma performance, no qual a atriz foi abordada por uma insistente agente da mídia...

Os limites entre ficção e realidade adentram, portanto, também o campo da dramaturgia, no qual se mistura o que é absolutamente ficcional com o que é testemunho direto dos atores.

Mia Couto se destacou enquanto eixo de inspiração poética por escrever através de uma língua que nos é comum e se enraizar numa cultura negra que nos é familiar, apesar de permanecer em nós uma sensação de estranhamento com relação a seus textos, uma vez que somos estrangeiros a seu país.

Mia Couto, quando escreve, não se detém em limites raciais ou etnológicos, entende a literatura como um espaço de liberdade, da negação de nossa condição, da possibilidade de transitar entre os espaços através da criação de mundos inventados.

Após esse primeiro momento no SAMIM, sentimos a necessidade de dissolver ainda mais os limites entre ator e espectador e de fato abrir espaço na cena para que o jogo

de ficção também fosse explorado por quem tivesse desejo de se transformar ou de dizer coisas... Um primeiro passo para tal aconteceu no AMBLU, em Blumenau, no qual mulheres do albergue de fato participaram improvisando personagens ao longo das narrativas...

Foi aqui, entretanto, nesses espaços da REDE RUA, o Núcleo Santo Dias e a Pousada da Esperança, que o grupo de fato explorou essa possibilidade. Pois, além de começar a experimentar essa abertura da cena, o grupo conquistou o cultivo de relações mais duradouras, menos efêmeras que o instante teatral. Desde o início do projeto oferecemos aulas de teatro, com o intuito de alimentar o sentido do jogo de ficção como um elemento de transformação do real... Além disso, participávamos junto das propostas que trazíamos, primando por construir um espaço não só de criação teatral, mas de conhecermos uns aos outros, de maneira mais atenta e trabalhada. Sendo o albergue por natureza um lugar de trânsito, já tivemos muitos alunos que foram embora, alguns mantiveram contato, outros sumiram no mundo... Aos poucos fomos fechando esse pequeno grupo que nos acompanha, Marcelinho, Paulinho, Bruno e Valternei...

Escolhemos por não exigir um compromisso muito fechado dos alunos em relação às apresentações, afinal, queríamos que a peça fosse pra eles um espaço de jogo e não mais uma obrigação... Além disso, a necessidade de trabalhar e os horários mais diversos impostos a eles impossibilitaram que sempre estivessem conosco. Portanto, a estrutura da peça é absolutamente flexível, se moldando de acordo com quem está conosco no momento da apresentação.

Aqui conhecemos homens incríveis e histórias inesperadas, como inclusive a de um mergulhador profissional de verdade, que mergulhava no Rio Negro.

Permeado de um universo cheio de analogias, mas absolutamente novo, o espetáculo se refez por completo... *Sapato Sujo na Soleira da Porta* portanto, é menos um espetáculo teatral fechado e mais uma chave de relação entre pessoas...

FICHA TÉCNICA

ELENCO:

Bruno Costa Machado – O pastor
 Carolina Nóbrega – A noiva
 Luciano Mendjes – O mergulhador
 Marcelo Julio Bueno – O cego
 Nádia Reciola – A repórter
 Paulo Henrique Graça – O menino
 Tatiana Heide – A miss
 Valternei de Jesus – O policial

DIREÇÃO DE ARTE:

Tatiana Burg.

DIREÇÃO:

Criação coletiva.

ORIENTAÇÃO:

Grácia Navarro.

DRAMATURGIA:

O grupo, inspirado em experiências vividas e contos de Mia Couto.

FIGURINO:

O grupo.

CONFECÇÃO DOS BONECOS:

Tatiana Burg e grupo.

OFICINA DE MANIPULAÇÃO DE BONECOS:

João Araújo.

FOTOS:

Tatiana Burg.

PRODUÇÃO:

Carolina Nóbrega.

ASSISTENTES:

Andrea Krohn Julia Maycot, Sara Neiva.

ARTE GRÁFICA:

Gustavo Valezi.

DESENHOS:

Tatiana Burg.

AGRADECIMENTOS!

Equipe da REDE RUA – as portas abertas, a vontade de que o projeto acontecesse, o entusiasmo a cada conquista, os cafês e lanches, reuniões, conversas, os espaços que nos cederam, a confiança, a confirmação do quanto há a necessidade de se propor transformações nos espaços, a flexibilidade dessas paredes aparentemente tão rígidas, obrigado. **Casa amarela num alto de morro** – os portões livres, as cópias de chave, a tolerância aos gritos e pulos logo pela manhã, a permissão da invasão de um mundo de colas e formas e papéis, um armarinho para as ficções adormecidas, uma casa, um descanso, um albergue ao desalojamento, agora, por fim, um olhar que nos deu um sossego (Leopoldo) e a torcida bonita de todos por nós... **Grácia Navarro** – bem mais distante em presença e constância, de estar também construindo seus pensamentos e rumos, entretanto, absolutamente presente em entendimento, esclarecimento, confiança, identidade... cremos e aguardamos uma aproximação mais firme, constante, que satisfaça nossa já certeza de que desejamos muito em comum. **Equipe do VAI** – passo a passo assessorando essa entrada no mundo profissional. **Casa Amarela de Santo Amaro, Thiago Bronzoni** – Por ceder e oferecer a nós esse espaço tão generoso, sem nunca oferecer resistência em nos ajudar. **André Jabur** – um homem responsável pelo melhor ver de muitos, nos ajudou um tanto para que melhor vissem a nós... **Gustavo** – sambando para dar conta de nossos pedidos em cima da hora! Viva... obrigado mais uma vez pela generosidade. **William J. Silva** – uma ajuda inesperada sem nem nos conhecer, por simples boa vontade e disposição... e de repente, do branco fez-se o azul. **Assistentes** – nos ajudarem assim tão em cima da hora, exatamente pelo desejo em ajudar... muitíssimo obrigado! **Freqüentadores da Pousada da Esperança e do Núcleo Santo Dias** – por darem sentido de existência a esse trabalho, ao grupo, por se disporem a uma relação fora do que se espera no cotidiano, por permitirem nossa entrada nesse espaço que é de vocês, tolerando os barulhos e as transformações espaciais, por nos impelirem a lutar por outras paragens e crer na força alojada dentro dos homens. **Alunos** – vestirem fantasias apesar da realidade bruta, se disporem ao jogo, confiando nas vozes de estranhos... os que foram embora, saudades e muito aprendizado, eis cada um em um campo da memória, ocupando um lugar especial... os que ficaram até o fim, o trabalho é de vocês, por vocês viemos até aqui e por vocês lutamos, de nós só agradecimento... e uma amizade certa, da confiança de estarmos diante de grandes homens.

ENCONTROS - PESSOAS NESSE CAMINHO

DEPOIMENTO DE MARCELO JULIO BUENO (MARCELINHO)

O que penso a respeito dessa iniciativa do grupo do trecho?

Acho importante pelo fato de dar oportunidade das pessoas exporem o que sabem, mas estão escondidas pelo fato da vida que levamos, pelo sofrimento passado em toda nossa vida.

Eu tenho apenas 19 anos, amo teatro e adorei conhecer o Grupo do Trecho, acompanho desde o início, toda essa trajetória para mim esta sendo muito importante por fazer algo que eu amo muito.

UMA COMPOSIÇÃO DE PAULO HENRIQUE GRAÇA (PAULINHO)*Eu Quero Paz*

Eu tenho um caminho
 Para percorrer
 Um sonho de menino
 Que me faz viver

Eu quero paz
 Eu quero amor
 Eu quero paz
 Chega de dor

Só o amor salva
 Só o amor pode trazer
 O bem maior
 E um mundo bem melhor
 Para se viver

E quando eu acordo
 Eu vejo na janela
 Vejo o nosso mundo
 Quase todo em guerra

E muito mais
 Você vai entender
 Um sonho tão bonito
 Quero contar pra você

Como disse Bob
 Como disse Lenon
 One Love
 Imagine

FRASES DE UM OBSERVADOR... NATÃ TIAGO DOS SANTOS

Natã nunca foi nosso aluno, mas foi observador atento, sempre acompanhando os ensaios, um dia chegou com uma frase dessas e depois me trouxe mais. Atualmente, com 52 anos, acaba de ganhar uma bolsa de estudos para cursar faculdade de Direito na Uninove.

Não sou um grande historiador,mas sou dono da minha história

Um dia em que nada se aprende, é um dia perdido

Só se chega ao topo da montanha, aquele que se propõe a difícil escalada da subida

Educai as crianças e não será necessário punir os homens

A grande sacada da vida, é transformar perdas em ganhos

Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra

O grande problema é se manter no topo, porque você se torna a mira de todo mundo. Todos querem o seu lugar.

TATIANA HEIDE**Lindonéias Desaparecidas...**

Mulheres das ruas que fazem de sua beleza sua única razão para ser. Mulheres maquiadas, estragadas, enfeitadas, belas ou sujas, mas que, sobretudo alimentam sua vaidade como um modo de vida. Seja como sobrevivência, como loucura ou como destino são mulheres que se acreditam femininas e belas; que acima de qualquer condição seus enfeites são tão importantes quanto sua comida. Seus brincos e maquiagens são como suas vestes.

Ensinam-me sobre uma poesia que tenha a mesma natureza que a fome e talvez por isso eu tenha feito delas minha razão para performar. Porque a beleza que vêem é seu próprio modo de enxergar-se.

Estas mulheres fazem de si mesmas sua obra e seu discurso, pois antes de tudo se acreditam. E eu estou em busca das mulheres se acreditam não das que precisam ser acreditadas.

**Lindonéia***Caetano Veloso/Gilberto Gil*

A solidão vai me matar de dor

Na frente do espelho
Sem que ninguém a visse
Miss
Linda, feia
Lindonéia desaparecida

Lindonéia, cor parda
Fruta na feira
Lindonéia solteira
Lindonéia, domingo
Segunda-feira

Despedaçados
Atropelados
Cachorros mortos nas ruas
Policiais vigiando
O sol batendo nas frutas
Sangrando
Oh, meu amor

Lindonéia desaparecida
Na igreja, no andor
Lindonéia desaparecida
Na preguiça, no progresso
Lindonéia desaparecida
Nas paradas de sucesso
Ah, meu amor

A solidão vai me matar de dor

No avesso do espelho
Mas desaparecida
Ela aparece na fotografia
Do outro lado da vida
Despedaçados, atropelados
Cachorros mortos nas ruas
Policiais vigiando
O sol batendo nas frutas
Sangrando

Oh, meu amor
A solidão vai me matar de dor
Vai me matar
Vai me matar de dor

NÓS DO GRUPO**CAROLINA NÓBREGA****Flor e Asfalto**

Estamos – eu e você – nos habituando a legislar. Do primeiro abrir olhos até o fechar das pálpebras – de repente até para além, mesmo nos sonhos –, habita, por dentro da pele, habita em nós um agente da ordem que nos leva a controlar nossas pequeníssimas esferas de relação. Controlar já nos é absolutamente natural, já adentrou o campo do subjetivo. Tecemos e reproduzimos leis aleatórias – que não percebemos como aleatórias – e passamos a agir a serviço dessas leis – uma espécie de padrão virtual –, garantindo para que elas sejam mantidas, gerando e afirmando postulados do bem e do mal, postulados de moralidade. Nesse quadro, o desobediente de qualquer um desses micro-sistemas de ordem é sempre punido ou posto de fora.

As estruturas se apresentam como inquestionáveis e unívocas, dando a sensação de que sempre foram assim e que não há outro jeito de ser. E nós passamos a cuidar para que assim de fato seja, deixando que nos escape a sensibilidade de que, de repente, houve e haveria outros meios...

Assim, vamos nos especializando em uma pequena fatia pronta e preparada, exercendo uma função determinada no quadro fixo do real, garantindo a estabilidade de paredes já edificadas... As paredes que eu a priori sustento, o meu edifício de leis próprias é, no caso, o da arte, o do teatro.

O Grupo do Trecho, a escolha por esse grupo, vem da vontade de escapar do edifício, de procurar um jogo mais fluido com o real do que o do legislador e agente da ordem. Busca de uma possível suavidade, em que seja permitido fluir mais as vontades, no qual o fazer poético como um refazer de si possa contaminar as células do cotidiano.

Já se disse tempos atrás sobre a inutilidade da arte e, me parece, que ainda assim até hoje há uma insistência em buscar a resposta para um possível sentido embutido nela, um determinador do que é ou não é artístico – o que seria isso se não o grande tribunal da arte? Se não o grande

policial, o grande agente punidor e premiador da arte?

O que é artístico é, afinal, o que os autorizados aceitam como tal e que nos habituamos a aceitar como tal. E, a meu ver, se há alguma vantagem no “fazer artístico” – muito para além da “arte em si” – é a de apropriar-se da autorização que “o artista” recebe para promover o encontro, o travestimento, o advento do novo... e não importa o sentido, ou para que serve esse fazer... pois não se trata de um produto, mas de um encontro... E agora, eu e você, como seguimos?

Afinal, por mais arraigado que esteja em nós o legislador, eis que de repente, nesse encontro, nesse eu diante do outro, os conflitos, as sutilezas e os espelhos possam mobilizar toda uma cadeia de sensibilidades se não novas, atualizadas... como uma “memória”.

Aqui nesses espaços, ao longo de um percurso de oito meses, nesse encontro prolongado de apresentações e despedidas, um pouco como crianças, transformamos as peças do grande lego que forma as paredes que nos separavam em castelos, estradas, campinas grandes... As transformações a princípio estão muito mais no campo do sutil... Mas como é bom respirar sutilezas para além dos muros... sem saber direito para aonde estamos indo. Sim, os muros estão ainda lá, mas olhamos para eles, e brincamos de atravessá-los... Imóvel mas movente.

Cá, bem aqui, juntos, tentando construir algo que não se pega, que não se finaliza, que não se edifica... simplesmente permitindo outros pequenos possíveis. Sorriso de não estar sozinho nesse trecho de estrada. O quanto agradeço a companhia desses poucos tantos...

Essa pequena sensação. De a planta ser capaz de romper o asfalto.

LUCIANO MENDJES

Os Sapatos e o Nada

Chegar no albergue Pousada da Esperança e ser recebido como um novo acolhido.

Então dizer: - Sou um ator que... do grupo do...

E assim venço os bloqueios iniciais para me apresentar e falar sobre o trabalho a ser feito.

Sensação de uma tarefa hercúlea no ar.

Sossegadamente, Francis e Seu João, dois funcionários do abrigo, me ajudam na divulgação.

Nossas aulas seriam na sala de leitura. Tivemos que desalojar alguns leitores. Desalbergados dentro do albergue! Onde já se viu tão esdrúxulo paradoxo?!

Em mim mesmo me dizia: - Luísa, chega logo pra me acompanhar em ficar sem norte.

Uma volta nos dormitórios: novas paisagens dantescas para esses meus olhos...

Pausa na novela das sete. Anúncio do teatro. E lá fui eu competir a atenção do público com o Giannechini e o William Bonner. Mesmo sem possuir a mesma empatia consegui a atenção de doze participantes.

Desses, ficaram sete até o fim da aula, sendo que um chegou depois, meio sem saber onde estava entrando. Incrível semelhança comigo mesmo.

Ah, já ia me esquecendo: a Luísa já tinha chego, pra dividir o aprendizado da bússola.

Só pra esclarecer: a tão esperada Luísa era uma parceira do Grupo do Trecho, hoje em dia pisa outras estradas.

Esse foi o meu primeiro dia de aula no projeto Sapato Sujo na Soleira da Porta, em São Paulo. Depois, outros tantos dias vieram. Além da Pousada da Esperança, o Núcleo Santo Dias. Além das aulas, os aniversários, saraus e intervenções.

E o que me marca é a rica diversidade dos encontros nesse espaço de absurdos, como se nele habitassem as belezas tortas de Salvador Dalí.

O contato com homens à margem da sociedade; suas vidas explodindo em nossas caras, arremessando ingênuas e vulcânicas poesias: um velho piloto de avião falador de alemão, um cinquentenário nordestino fazedor perfeito de pipas invisíveis, um inventor de engenhocas que se

inventou ator, um mudo extremamente eloquente e até um autêntico mergulhador profissional do Rio Negro.

Pequenos exemplos de uma miríade de homens que aceitaram nos ver e serem vistos, mesmo sem nos terem completamente abraçado.

Estamos chegando ao fim desse trecho. Acompanhamos nesse término de viagem quatro valorosos companheiros que acreditam em nós, mesmo sem compreender plenamente que não sabemos interpretar com exatidão o mapa que seguimos. Extremosa experiência de reescrever um mapa pessoal em rumo ao pressentido: o teatro que procuramos.

Um trajeto pleno de encruzilhadas, onde violentos enigmas, ora tristes, ora encantadores em suas imagens, nos trespassam.

É o que dá sair procurando um coração.

Don Juan disse para Castañeda: “- Se um caminho tem um coração ele é bom. Senão deixe-o.”

O coração procurado durante esse trabalho era manhoso e fugidio como o camundongo que invade a nossa asséptica casinha. Só se deixava entrever e ser sentido quando se deixava de procurá-lo na razão pura, e de gatinhas tentava-se pegá-lo debaixo da mesa ou da cama, sem medo de esfolar na carne as dúvidas de se conseguir ou não apanhá-lo.

Em certa aula, no Núcleo Santo Dias, num jogo em que cada participante contribuía com uma palavra, surgiu a seguinte frase: “Era uma vez um dia que aconteceu no campo. Surgiu uma mulher pequena, astuta e gandula. Ela então correu perto do nada e caiu no caminho.”

Depois foi sugerido àqueles homens uma improvisação a partir das imagens que a frase sugerisse. No final da cena perguntamos ao Paulinho por que ele ficou o tempo todo imóvel.

E ele respondeu: “O nada não faz nada.”

Agora me respondam vocês: se o nada faz, sapatos sujos quando andam levantam mais que poeira?

Eu diria: poesia.

Em honra a Sir Marcelinho, Sir Paulinho, Sir Valternei e Sir Bruno

LUCIANO MENDJES

Mergulho dentro do homem

O mergulhador extrapola o inconsciente de um homem que foi abalado pelos encontros afetivos que travou em sua vida.

A sua busca pela mulher ideal - na verdade uma busca ilusória - leva-o ao encontro com o álcool, elemento disparador de uma memória que oscila, como se flutuasse no mar, entre a concretude de tristes experiências e a diafaneidade do seu imaginário.

NÁDIA RECIOLI

Através das lentes...

Talvez seja dolorido demais vivenciar os acontecimentos, talvez seja dolorido demais ter de sentir a vida acontecer na própria pele. Talvez seja pesado demais ter de carregar as marcas de um passado nas costas. Ela não quer ter uma história, basta-lhe o instante. Fotos, relatos e fatos. Ela prefere contar e guardar para si as histórias dos outros. Afinal, a verdade é apenas versão mais aceita de um fato, então é possível arquitetar a verdade que se quer, da forma como se quer. Assim, o mundo se torna mais interessante. Simples questão de saber o que mostrar. Ela prefere ser competente, ela prefere ser reconhecida. Assim o mundo se torna menos perigoso. Pois seria arriscado demais deixar-se perder no fluir das sensações da vida. É melhor saber o que está acontecendo, é melhor manter o controle. É melhor ter sempre os pés no chão.



NÓS DO GRUPO E AS PERSONAGENS

CAROLINA NÓBREGA

Esse saber de bicho

Eu plantei o cravo n'água
A rosa na beiradinha
O cravo desceu pra baixo
rosa branca
E a rosa ficou sozinha

Eu agora vou embora
Porque já falei que vou
Minha mala já está pronta
rosa branca
Falta um carregador

A noiva é a imagem da espera. Do que antecede. Se esta suja e caída, é a imagem do fracasso, é a imagem de Rosa. Mas ela tem isso... de num desistir da vida, nem se suas costas pedem o chão. Tem isso de carregar um balaio de desgraça e ainda assim carregar. Isso de a loucura revelar uma sabedoria que perturba. Isso de ser punida pela sinceridade e pela feiúra. Que se não há a aparência bela, o que pode restar a ela se não as esquinas da vida? Mas que ela não se deixa restar ao chão e sai chutando o invasor, força de bicho na matilha, a vida afinal, chega a urrar para manter-se viva. E num de repente, se pode cair na testa uma gota de orvalho, uma alegria a um peito apertadito, de alguém que soube ver para além do cascalho de caramujo.



NÁDIA RECIOLI

Sobre as palavras que ainda não foram inventadas

Das possibilidades de existência no mundo, se me fosse dado escolher, eu optaria por uma que pudesse criar conexões e caminhos entre o que já está. Alguma que fosse capaz de gerar fluxo e trânsito, algo para além das paredes das estruturas solidificadas que o mundo insiste em nos impor.

O que me falta são justamente as palavras, os termos corretos, as classificações... Isso por que sei do perigo de nomear. Sei do perigo de contornar. Dentro de cada definição inserimos as possibilidades que podemos admitir, e qualquer outra (im)possibilidade que se apresente terá de adaptar-se aos nomes existentes ou simplesmente não terá lugar no mundo real.

Me constituo de percepções anônimas e as persigo. Seja lá o que for o que intuo e quero gritar a todos, não há para isso nome possível no dicionário. Ali, apenas as palavras para as possibilidades permitidas. Não quero ter de pedir permissão para transitar em minha própria vida, nem ter que provar algum valor ou conquistar direitos. Quero algo mais parecido com o que se poderia chamar de liberdade, no sentido mais singelo que se possa atribuir a essa palavra tão perigosa. Quero apenas poder perseguir as possibilidades mais belas de vida e de relação humana que sou capaz de conceber, mesmo as que ainda me parecem impossíveis. E foi o que fiz. Mergulhei, simplesmente, naquilo que me era atraente e desconhecido, naquilo que ia além das primeiras e mais explícitas paredes. De olhos fechados e de mãos dadas com os que aceitaram o mesmo mergulho, buscamos apenas nos relacionar com o que de outra forma não faríamos, buscamos o contato que jamais aconteceria “naturalmente”.

E então, nesses albergues, espaços que são uma espécie de síntese da institucionalização da separação, lugar onde entram os que ficaram do “lado de fora” das paredes da sociedade, fizemos um teatro cada vez menos parecido com o que nos foi ensinado sob o nome de “teatro”. Algo

que talvez se aproxime mais da imagem de nós mesmos, uma vez fora de nossos antigos contornos seguros e agora imersos nesse (des)contexto da marginalidade.

Uma vez atravessada a parede, ficou evidente a fragilidade das estruturas que sustentam praticamente toda a realidade. Pude perceber na pele o quanto eu mesma sou resultado do confronto entre o dentro e fora de mim, o quanto o “eu” é mais uma membrana do que um fato. E é assim com todo o resto. Percebo a tamanha fragilidade do real. A quase irrealidade do cotidiano. A “realidade” se limita praticamente ao que conseguimos nomear. A “normalidade”, faixa ainda mais estreita – estreitíssima – se limita ao pouco com que somos capazes de lidar. E nos condicionamos a nunca ter de nos haver com nada que escape minimamente a isso. Se não é classificável não existe, ou não importa. Fica relegado à margem.

E é exatamente às margens do real que se encontra o ponto de onde se pode ver algo além da suposta “realidade”, algo além desse pouco que deram na escola. É preciso olhar por trás e através dos olhos de quem vê da margem, se se quer entender alguma coisa do interior de onde se está inserido, pois estar “do lado de dentro” não ajuda e quase impede a compreensão do todo que nos contém. Ninguém participa de fato, ninguém é integrado, e eu sufoco em meio a tantos *nãos*. Procuro algum *sim* que seja verdadeiro... Que não seja a imagem projetada de um *sim*, mero *não* disfarçado...

Eu queria ter a capacidade, ilusória, do artista de fazer o outro sentir, de inverter o significado das coisas a ponto de verdadeiramente transformar a realidade... Por ora, agradeço aos que conheci nesse albergue e que me deram a possibilidade de, a cada encontro, nos transformarmos juntos em crianças e pássaros de todas as cores, mesmo a despeito de todo o cinza dessas paredes.

Por ora, aceito a efêmera transformação do instante presente, o que já me parece muito. E muito pouco...

TATIANA BURG

Movimento em Desenho

Movimento em desenho
 Quadros em movimento.
 Fizemos corpo escultura,
 Rosto sem espelho,
 Brincamos.....!

Eu,

Aqui
 Longe
 Cá
 Lá
 Vem
 Volta
 Fica
 Perto
 Vai

Escolhas e obrigações,
 Deslocamento constante,
 Quis ficar nos espaços e pessoas.
 Quis estar inteira aqui, lá e dentro.

Vi um menino correndo e empinando cores.
 um homem do campo procurando
 um soldado que se atira em todas as situações, sem medo
 um pastor aprendendo a ser homem
 tantos outros que perdi de vista
 um pintor.

Rio sem pausa, agora sou água a querer misturar-se com a terra, e ser

Cabeça em solo
 pés no céu
 Meu eixo é feito de ossos flexíveis e frágeis

Caminhar só e com todos!
 Meus pés e joelhos sentiram todo esse chão.
 Abraçar o mundo,
 Recebi tantos abraços bêbados de profundos mergulhadores!

Carreguei minha casa em minhas costas.
 Ela é vermelha como o vestido.
 Formiga segurando flor gigante lilás.

Carreguei uma lente que documentou processo todo e... despedaçou.

Uma artista plástica pensando o corpo...
 Pensei bonecos!

Os encontros/trocas desse lugar deram sustentação, trouxeram força, mesmo que, muitas vezes em observação, em circular cuidado.
 Ação mínima,
 objeto, som.
 Personagem não entrevistada,
 sem fala.
 Em busca

TATIANA HEIDE

A Escolha Pelo Trecho

É um enorme desejo de expansão. É a necessidade de abrir-se para além, para as outras esferas da vida. É a possibilidade de reconhecer que a roda da fortuna não gira para muitos e que a tragédia é a base do próprio sistema.

Enfraquece-se em nós a necessidade de encenar a vida. Queremos é retornar a ela. Porque não é a arte que nos importa mais. O que nos importa é a vida, e que o artista volte a se integrar a ela como uma possibilidade. Porque também não valorizamos o artista como um agente do poder que reduz a potência da natureza; o artista com passaporte para a loucura uma vez que o horizonte de possibilidades que nos é concedido pelos tiranos é pequeno veste-se a máscara das artes para libertar-se das amarras enquanto o terreno da vida permanece árido.

Vamos molhar. Semear o desejo de uma vida sem concessões e sim realidades que se expandem; que se mostram infundáveis criações. Porque as vezes esquecemos que essa vida foi inventada e que é de invenção que se fazem as teias do mundo.

Relacionar-se com o diferente não é fácil. Não é fácil manter-se pleno na ignorância; no não saber como. Mas foi em integridade que tentei manter-me no Núcleo Santos Dias e na Pousada da Esperança. Foi sendo o que se é, sem diferenciações classistas de velhas formas idealizadas de revolução que entrei em contato e é assim que essas diferentes superfícies se tocaram. Porque também a revolução já não está mais na exterioridade. O que precisamos é reconquistar nosso universo signico, nosso território de linguagem, expulsar de nós a pequena célula de poder despótico que nos mecaniza como parte de seu sistema de exploração e retomar a natureza imanente.

Mia Couto emana. Alia mundo invisível, política, amor e literatura. Porque é dessa matéria que é feito os sonhos, a ele queremos retornar para o nascer da Terra.

Estar no trecho é aliar forças, é ter o corpo como morada e construir-se no movimento. É habitar a fronteira de ser eterno estrangeiro e nativo. Não é mais uma questão de ser ou não ser. É antes ser e não ser... Por que somos vividos e permitir estar na passagem é cumprir destino de gente.

